

Deponente: Oredes – Tepó Krenak.

Entrevistadores: Juliana Ventura de Souza Fernandes, Marco Túlio Antunes Gomes, Paulo Afonso Moreira e Pedro Berutti Marques.

Data: 21 de março de 2017.

OREDES: De matá né, um pouco o nosso povo, além de tamém trazê invasões do nosso território dos índio, foi aí que começou a perseguição contra nosso povo, os índios, da construção do presídio né, na ditadura aí, militarismo aí, que eles falam, construção de presídio logo dentro da nossa terra, não sei porque aconteceu isso, pra aprisionar vários índios né, da nossa tribo memo, nosso povo né. Trazia povo, trazia índio de fora tamém pra aprisionar dentro do presídio aqui, Krenak que eis fala né, e foi nesse tempo que começou muito... Muito sofrimento do nosso povo né, nosso povo ficava com mercê desses... Desses militar sabe, forçava a uma convivência nossa, que não era a realidade do nosso povo, nosso povo sempre usufruiu do Rio Doce né, o Rio Doce sempre foi como a nossa mãe né, o alimento, a pesca né, caça tamém. Nós era proibido de fazer isso né, proibido de pescar, proibido de caçar com esse presídio aí, com esses confinamento que eles tinham aí né, inclusive aprisionava até o nosso povo tamém né, que gostava de sair né, pra vender seus artesanato, em Aimorés, Colatina, Valadares, quando voltava eles achava que era... Tava desobedecendo a orde deles né, então tinha que aprisionar o índio tal, ficar preso dois dias com fome, sem... Inclusive meu pai passou por isso né...

INTERLOCUTOR: Seu Jacó?

OREDES: É. Passou por isso.

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Meu pai mais minha tia, eles, eles vendia muito artesanato né, lá fora tal, pra trazer subsistência pro nosso (trecho incompreensível) nossos parentes, que ajudava não só a nossa família, ajudava os outros tamém, vendia artesanato, fazia uma comprinha, trazia, e aquilo lá era motivo pra eles pegar e né? Alegar que tinha uso de bebida alcoolica, mas meu pai nunca foi de fazer uso de bebida alcoólica assim e minha tia tamém, Bastianinha, aí era motivo pra pegá e prendê eles né?

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Deixar eles um dia, dois dia...

INTERLOCUTOR: Senhor Oredes, o senhor nasceu aqui nessa terra indígena mesmo?

OREDES: Nasci.

INTERLOCUTOR: É?

OREDES: É.

INTERLOCUTOR: E nessa época, o senhor tava mais ou menos com que idade, era menino...

OREDES: Ah eu era bem pequeno né.

INTERLOCUTOR: É?

OREDES: Bem pequeno, na época eu tinha uns quatro ano, mais ou menos...

INTERLOCUTOR: O senhor fala na época do...

OREDES: (trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR: Do presídio?

OREDES: Hum?

INTERLOCUTOR: Da época do presídio?

OREDES: Da época do presídio, eu nem lembro direito não né.

INTERLOCUTOR: É.

OREDES: Mais assim, mesma idade mais ou menos assim, mas...

INTERLOCUTOR: Uhum.

OREDES: Na época do... Na época retiraram o nosso povo né, pra... Exilaram o nosso povo né, aí nós... Uma parte da nossa família foi pra Fazenda Guarani né, onde hoje habita os Pataxó né?

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: E outros foro pra... Pros Maxacali tamém né, e outros foro pra Vanuire interior de São Paulo, aí espalhou né, tem inclusive até pro Mato Grosso teve né, tem índios nesses, tinha índio exilado nosso né, o último que nós... Dilermano descubriu antes de falecer, foi o Seu Oclides né...

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Teve que buscar ele lá no Mato Grosso, disse que falou: "Ó mais nós tem terra.", nossa terra num... Nós conseguimos tamém, né? Um pedaço de terra né, porque na verdade essa terra nossa num é homologada, foi uma negociação né, a nossa terra é muito mais do que isso que cês pensa. Aí meu pai mais minha tia, nossa família teve que ser obrigada a sair forçado da nossa terra aqui, pra Fazenda Guarani né?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Hum. hum.

OREDES: Mais meu pai ele resistia muito né? Resistia, num queria saí, porque o Rio Doce é a nossa casa, a nossa... A nossa vida sabe?

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Aí teve... Teve que algemá eles... Algemá eles... Aí algemaram.... minha tia e meu pai, eles falaram que não saía, que era terra nossa e tal. Aí o trem de ferro passava ali né...

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Esse trem de carguêro, esse trem que carrega... Carregava cimento na época, carregava muita coisa né, aí esses trem nunca parô aqui né, de frente pra nossa vila, parô só pra pegá os índios, jogá dentro dum comboio daquele, levá para Itabira né, em Itabira eles conseguiram acho que um pau de arara lá né, caminhão que eles fala né, esses caminhão antigo sabe?

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Até levá eles até na Fazenda Guarani né, na época, aí de lá da Fazenda Guarani, ainda nós conseguimos chegá até o Vale Verde, saimo de lá com (trecho incompreensível)...

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Mais já tinha expulsado várias pessoas nossa aqui ... Já num tinha mais terra (trecho incompreensível) já tinha tomado conta né?

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Isso foi na época da SPI né... SPI fez isso.

INTERLOCUTOR: O senhor chegou a ir para Fazenda Guarani seu Oredes?

OREDES: Cheguei.

INTERLOCUTOR: É?

OREDES: Inclusive na Fazenda Guarani, meu pai faleceu lá, tá enterrado lá na chacinha na fazenda lá, porque o sonho do meu pai era voltá pra terra né, de novo.

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Falou: "Um dia nós vão voltá pra nossa terra.", mais ele não conseguiu não, acabou faleceno lá na Fazenda Guarani. É muita coisa, num sei, tem vez que eu esqueço, muita coisa né, aí de lá depois que meu pai faleceu, nós... Nós conseguimos saí de lá pra Vanuire..

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Interior de São Paulo, aldeia dos Canganha hoje né?

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: E hoje... Hoje eu acho que tem muitos Krenaks lá, deve ter numa base dumas 100 famílias Krenak lá...

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Que não conseguiu voltá ainda né, depois que nós conseguimos o território, mais tá voltano aos poucos, teve umas fãmia que chegou né, teve umas treis parece...

INTERLOCUTOR: É?

OREDES: Ai ta aí, voltá de vagarzinho né?

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Aí nós sofremo bastante né, com... Com esse pessoal né, algemá o pai da gente...

INTERLOCUTOR: Sim, a gente fez isso (trecho incompreensível).

OREDES: Mais o pió da Vale do Rio Doce é... Esse trem num parava, ele parô só pra jogá os índios né, jogá porque tá algemado é jogá.

INTERLOCUTOR: Então não era comum do trem parar aqui?

OREDES: Não, o trem não parava não.

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Parô só um comboio de cimento né, daqueles que carrega tijolo, agora acho que num tem mais, mais na época tinha bastante de carregá tijolo, cimento, sabe?

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Parô um comboio desse de cimento, serviu pra... Só jogá nosso povo dentro e imbarcá até Itabira né?

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Itabira lá, eles arrumaro um caminhão e levô nós até a Fazenda Guarani, forçado né.

INTERLOCUTOR: E o quê que o senhor acha que aconteceu assim, pra ter essa combinação de mandar os Krenaks de forma forçada lá? Quem que participou disso assim?

OREDES: Desse forçamento?

INTERLOCUTOR: Isso.

OREDES: Acho que e governo né, governo do estado, ele na época, acho que juntamente acho com SPI, pessoal aí que eles fala aí, fala, num sei cumé que chama SPI, SPI é setor de proteção?

INTERLOCUTOR: Paulinho!

INTERLOCUTOR: Serviço de proteção.

OREDES: Na verdade num era nada disso, esse serviço é contrário aí.

INTERLOCUTOR: É.

OREDES: Na época era contrário aí, mas o governo na época, ele titulô nossas terra ilegal né, passô pra grilero, fazendero...

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Emitiu documento falso né, os próprio juiz das cidade pequena, de Resplendor que o juiz assinô...

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Repartiu pra cada um, na verdade o governo vendeu essas terra né, a troco de banana pra fazenderos aí, mais... E forçô nós a saí né. Que nossa terra é muito boa, nossa terra tem de tudo, nossa terra tem ca... Tinha caça, tinha pesca, tinha tudo.

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Hoje acabô tudo isso né, cês sabe que acabô tudo né, nossa... Hoje é poluído, nós não tamo pescano mais, não pode pescar mais...

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Caça tamém, num pode comê uma caça do Rio Doce mais, cê num sabe qual procedência que ela veio dona...

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Qual água que ela bebeu, mais isso era... Foi o governo que fez tudo isso, o governo do estado, num sei se era Artur Bernardes na época, mais ou menos esse...

INTERLOCUTOR: Entendi.

OREDES: Mil novecentos e vinte, parece.

INTERLOCUTOR: Mas, enquanto os Krenak tavam aqui, já tinha presença de fazendeiros, como é que... Como é que tava aqui antes do (trecho incompreensível)?

OREDES: Dos Krenak?

INTERLOCUTOR: (trecho incompreensível) senhor Oredes.

OREDES: Não, tinha não... Tinha não, eles teve que... teve que força né todo mundo saí né?

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Saí e infrentava a pulícia, teve uns que infrentaro, mais num tinha jeito não, eles... Eles era em número de pulícia tudo armado né?

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Aí num tinha como não, nossos índio sempre foi muito unido sabe?

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Aí pra algemá um pai meu, o cara era muito calmo mesmo, tranqüilo...

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Minha tia tamém né...

INTERLOCUTOR: Dona Sebastiana.

OREDES: Minha tia de idade, meu pai de idade, algemá eles pra jogá dentro dum comboio de trem, pra forçá eles a ir prum lugar que num... Totalmente fora da nossa realidade...

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Uma terra... Terra que num tinha rio, num tinha nada, nosso povo veve do Rio Doce, hoje... Hoje nós num veve porque, infelizmente o que Deus construiu em muitos ano, o homem conseguiu destruir em uma semana né, é complicado.

INTERLOCUTOR: Senhor Oredes, o senhor disse que foi pra... Saiu da Fazenda Guarani e foi pra Vanuire...

OREDES: Sim.

INTERLOCUTOR: Nesse processo alguns Krenaks ficaram ou todos foram?

OREDES: Ficô, ficô, acho que duas família, mais aí foi mais de dez por lá né.

INTERLOCUTORA: Aham.

OREDES: Mais de dez... Tinha outros que sairo direto daqui tamém né, foi direto Maxacali, Mato Grosso, outros direto pra Vanuire, mais essa... Essa turma nossa, minha memo, que meu pai, minha tia, nós foi direto pa Fazenda Guarani né.

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Aí fiquemo lá, fiquemo acho que um ano lá... Dois anos mais ou menos eu acho.

INTERLOCUTOR: Senhor Oredes como que era a vida lá na Fazenda Guarani?

OREDES: Era muito péssima, nós passava fome, lá tinha um chefe de posto tamém, que era autoritário lá do SPI né?

INTERLOCUTOR: Quem que era lá, o senhor lembra nessa época?

OREDES: Vicente.

INTERLOCUTOR: Vicente?

OREDES: Vicente. Vicente ele já tinha aquele poder de... Né? De querer forçá o índio a fazer uma coisa, tinha que fazê tal, se não ia preso tamém, porque lá tinha presídio tamém, lá na...

INTERLOCUTOR: É?

OREDES: Lá na fazenda Guarani. Aí tinha esse chefe do SPI, esses cara já tinha o poder altíssimo sobre querê mandá, querê fazê o índio força fazê alguma coisa, mais por detrás tinha o SPI né, com toda seu poder pra forçá isso, entendeu? Qualquer coisa chamava pulícia, chamava o soldado...

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Aí dessa forma que acontecia. Meu pai acabô morreno de tristeza lá, né?

INTERLOCUTOR: Hum.

OREDES: Sonhava todo dia de voltá po Rio Doce, que meu pai vivia mais na bera do Rio Doce, mais minha tia e nós, durmia acindia fuguera, mais aí lá no Guarani já num tinha isso né, tinha... Pra cumê lá era uma dificuldade, a gente passava necessidade, de vez em quando matava uma caça, comia, mais era muito difícil, o próprio chefe do SPI num deixava, né?

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Lá nós sofremo bastante né, que o nosso povo vivia mais da pesca né, do Rio Doce né, e lá num tinha peixe, num tinha nada, né.... Nós durmia no Rio Doce direto né, durmia na pedra, e lá na Fazenda Guarani uma realidade toda diferente, um lugar muito frio, gelado, uma terra infértil, num podia prantar nada, nosso povo vivia da pesca do Rio Doce, tudo, mais nós também prantava mandioca né?

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Plantava um milho...

INTERLOCUTOR: E lá num dava essas coisa né?

OREDES: La não, que a terra... Lá tinha... Tem que usar adubo né, se não num da nada não, aí cê prantava um pé de milho lá num vingava, espiga seca né, e feijão nem se fala né?

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: E arroz muito menos, muito menos... E aqui nós ainda conseguia prantar ainda um arroz aqui né, feijão meu pai prantava, prantava milho, além de pescar no rio né, nós tinha fartura né?

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Hoje se ele tivesse vivo, acho que ele tinha morrido de tristeza de novo, porque num pode pescar, inclusive eles fizeram até uma cerca de contenção, pros animais num bebê água do Rio Doce.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Cercô nós tamém, complicado né?

INTERLOCUTOR: Senhor Oredes...

OREDES: Eu.

INTERLOCUTOR: E sobre as práticas, os rituais, as coisas que os Krenaks consideram importantes, sabe? Do sagrado...

OREDES: Muito, muito...

INTERLOCUTOR: Como é que, como é que foi isso assim?

OREDES: Isso aí que assigura nós...

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Assigura nós, assigura nossa vida até hoje né, feiz nós ficá vivo né...

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Uma parte de nós, apesar de nós perdê vários velho né...

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: No exílio né, isso aí é fundamental pra nós, isso aí num tem explicação, isso aí é sagrado né...

INTERLOCUTOR: Mais nessa época...

OREDES: Eles queriam tirar ainda...

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Eles queriam proibir nós falar a língua, queria tudo...

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Mais nosso povo era muito sábio né, conseguiu ainda entrando nesse exilo, foi obrigado a aprendê, falá portugues, estudá, alguns estudá, mais nós foi forçado, nós... Mas a nossa língua intacta né, graças a Deus nós tem nossas velha que fala fluente né, e passa hoje pro nossos minino pequeno né?

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Graças a Deus eles num conseguio aí tirá tudo, tudo nosso não, porque nossa língua intacta, fluente...

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: A nossa cerimônia nós faiz de vez em quando, porque precisa de fortalecê nossos espírito né, nós dependemo muito da nossa cultura, ela é super importante pra nós, é mais importante que tem, isso aí... Isso aí quem faz nós... É o nosso remédio como diz o outro né, sobrevivência e tudo.

INTERLOCUTOR: Nessa época do reformatório aqui, da Fazenda Guarani lá em Carmésia, o senhor acha que os Krenaks tiveram dificuldade com... Pra poder manter seus... Suas cerimônias...

OREDES: Com certeza, ixi com certeza, porque geralmente nosso povo fazia... Fazia nossas canturia e religião na pedra do Rio Doce...

INTERLOCUTOR: Sim, sim.

OREDES: Na bera do Rio Doce, acendia fogueira e nós fazia, aí com esse exilo, cês po oto canto, oto canto, aí complicado assim né, notra aldeia, cê fazê, cê fazê religião, num tem... cumé que faiz né, tem que pedi pra pessoa que tá lá né, os Pataxó, tinha um pouco de Pataxó lá.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Fica complicado pro cê fazê a religião cum outro povo né...

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Tá perto de você, cê tá morando na aldeia deles né, realmente deu uma paralisada boa, mais aí a gente nunca deixô de falá a língua nossa, meu pai, meu irmão mais velho, nós nunca deixemo de se comunicar com nossa língua né?

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: A gente fala muito português correto hoje porque a gente foi obrigado, forçado de entrar num convívio bem lá fora né, andá a pé, pedi carona, pedi cumida, as veiz nós pidia pra num passá fome, aquela vida nossa assim, além de nós perdê irmão, perdê tudo no exílio né, lá no Vanuire eu perdi um irmão meu, perdi um não, dois, três irmão... Três irmão, uma irmã que era... Se ela tivesse viva era a mais velha nossa né, mais velha que (trecho incompreensível) um oto mais novo do que eu também faleceu, um oto mais velho do que eu também faleceu, três irmão meu.

INTERLOCUTOR: Todos morreram em Vanuire Senhor Oredes?

INTERLOCUTOR: Esses três morreram no Vanuíre né..

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: No Vanuíre.

INTERLOCUTOR: Porque que foi, o senhor sabe?

OREDES: Um parece que a cobra picô ele né.

INTERLOCUTOR: É?

OREDES: Cobra picô ele lá na Vanuire, faleceu, oto irmão meu faleceu, acho que deu uma parada cardíaca nele, morreu né?

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Mas ele tamém era doido pra imbora pro Krenak e num conseguiu não, conseguiu vim cá visitar nós, voltou, falou: "Não, eu vou voltar.", mais num conseguiu voltá né, e a outra foi na época né, acho que deu tuberculose, tinha muito envolvimento de... Nessas viaje né, aí cabô pegano uma gripe muito forte, cabô dano uma tuberculose e cabô faleceno né, e num tinha como ele ficar na época, aí foi, mais... Em transi... Assim complicado né.

INTERLOCUTOR: Senhor Oredes, enquanto o senhor permaneceu na Fazenda Guarani, o senhor lembra de outros povos indígenas que tinham lá, ou eram só os Krenak?

OREDES: Não, não, não, aí foi chegano tamém, porque lá tinha os Pataxó e o Guarani né, os Guarani já tava já, nós convivemo com eles.

INTERLOCUTOR: Ah ta. Então quando os Krenak chegaram lá, os Guarani já estavam lá?

OREDES: Os Guarani já tava lá já assentado, o Guarani já tava. Só que o governo, ele, na verdade ele conseguiu esse território lá, mas já tava pensando... Tava pensando já na nossa turma lá, então, tanto é que num sei o que eles fizeram lá, eles fez na época, botô até o nome da terra, terra Krenak né, até uns anos atrás aí eles teve que modificá a documentação, porque agora pertence aos Pataxó, na realidade né?

INTERLOCUTOR: A Fazenda Gurani né?

OREDES: É, mais na época a terra... Quando os Guarani foi pra lá e os Pataxó, na verdade o governo já tava... Já tinha aquilo lá pra liberá nós daqui, liberá nós e levá pra lá, nosso povo antigo né, nós tamém e botô nome de terra... Terra lá tinha um documento em nosso nome, a terra era nossa, aí mostrou: “Aqui cês tem terra, aqui ó, cês num precisa voltá pro Rio Doce não, que cês tem terra”, “Ué mais os outros índios?”, “Não, os índio tá aqui mais daqui pouco eis vão embora pa aldeia deles”. (Trecho incompreensível) a realidade só pra falá que nós tinha garantido uma terra né.

INTERLOCUTOR: Que era a mesma coisa que eles falavam com os Pataxó também né?

OREDES: Memo jeito. Mais aí... Nós num quer sabê dessa terra não, pode deixá por aí, nós qué voltá po nosso Krenak.

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Mais num tinha jeito não, porque já tinha né, feito documento, já tinha... Tinha titulado nossas terra tudo, e já tinha passado pa grilero, fazendero tudo, aí num tinha como voltá não né, voltá e infrentá fazendero, conflito né, aí nós pensamo muito em voltá, como é que enfrenta conflito, a gente num... Era tão fraco nós né, sofrimento tudo, nosso povo velho né. Num ia consegui infrentá polícia, inclusive pessoal da ditadura aí né, presídio e tudo né, tinha muita... Muita guarda né, armado, bem armado né?

INTERLOCUTOR: É. E o senhor lembra dos guardas que estavam por aqui assim?

OREDES: Muito pouquinho, nossa, muito pouquinho.

INTERLOCUTOR: É.

OREDES: Lembro do parente nosso né, foi preso aí e tal, que conta né?

INTERLOCUTOR: É.

OREDES: Daqui do presídio memo, eu num lembro muito não, mais quem contava mais era o papai né, meu irmão também.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Mais aí chegano na fazenda Guarani eu já tava era com uns cinco ano, aí já comecei já a entender as coisa.

INTERLOCUTOR: E o senhor falou que lá também tinha preso ainda né!

OREDES: Lá tinha uma cadeia também lá...

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Que o... Na verdade o SPI, é que nem eu falei pra você tinha muito... Muita autoridade pra... Pra... Pra prendê o índio e tal né, chamava ajuda de pulícia militar pra forçá... Se a gente fizesse arte ia preso na cadeia lá, meu pai num ficô preso lá não, mais eu lembro duns pataxó que foi preso lá, Seu Manel Mariano ficô preso lá, Quaiara também ficô preso lá.

INTERLOCUTOR: Esses Pataxó?

OREDES: Pataxó é.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Nossos Krenak num chegô a ficá preso lá não. Só meu irmão que uma vez foi arrastado pelo uma égua, porque ele tava... Tava brincano né, aí um outro colega acho que atingiu uma lâmpada do escritório do SPI, aí em forma de punição esse Vicente marrô ele no rabo do cavalo e o bicho arrastô ele (trecho incompreensível) meu irmão Ladil, só sei que tortura no Guarani foi essa, e a maior tortura meu pai faleceu lá né?

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Uma tristeza, doído pra voltá pro Rio Doce, não conseguiu, essa foi a pió de todas né? Aí minha tia ainda que coordenô nossa família e conseguiu levá nois pra Vanuire, minha tia né.

INTERLOCUTOR: Qual tia Senhor Oredes?

OREDES: Bastianinha.

INTERLOCUTOR: Bastianinha.

OREDES: Hum, hum. Conseguiu levá nós, falô: "Vamo imbora que esse lugá num pertence nós não, Vanuire é melhor né.", (trecho incompreensível) Vanuire tinha trabalho né, tinha muita coisa lá, tinha rio né, aí nós conseguimos até vivê um bom tempo lá. Aí depois nós conseguimos... Joaquim Grande na época né, cacique mais velho nosso, ele conseguiu ainda, que aí já foi, foi na época do SPI com a FUNAI, depois a enchente de setenta e nove também, que acabô arrasando tudo né?

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Parece que foi... Parece que foi Deus que fez de propósito né, pra dismanchá tudo, acabô cum presídio, acabô cum tudo, carregô casa, (trecho incompreensível) aí depois abandonaro tudo aí, ficô ali, uma terrinha pequena ali, 23 hectáre, aí nosso... Nossa família e Joaquim Grande conseguiu sigurá ela ali mais a família dele.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Ai (trecho incompreensível) da FUNAI, tudo aí, nós tava na Vanuire, aí nós conseguimos vim, conseguimos morá em cento vinte três hectare ali ainda, esprimido nós, mais aí nessa época, meu irmão já corria atrás do verdadeiro documento da nossa terra, que tava na mão do Joaquim Grande, Joaquim Grande dexô pra nós, conseguiu esconder o documento né, e nós entramos com processo né, de revisão de território tudo, mas a terra nossa já tinha sido titulado ilegal, já tinha mais de sessenta fazendero tomam conta dela, nesses vinte três hectare não, aí conseguimos piquinininho ali, e fazendero ameaçano a toda hora tal, queremo tomar tal, aí veio a luz no fim do túnel, meu irmão Ladil, muito sábio ele, falou: "Vamo corrê atrás, vê se nós consegue que o governo olhe por nós, porque tem nosso povo exilado, tem muita gente pra vim, e o documento da nossa terra tá aqui com nós, nós vamo vê se ele faz uma revisão desse trem.", isso acabô aconteceno, ele, Negô né?

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Cacique Nêgo, Laurita minha prima né, nessa época minha tia já tinha falecido já, aí conseguiu esse grupinho viajá pra Brasília né, tentar apoio, na época o CIME ainda abriu as portas pra eis...

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Levava eis, dava cumida, vamo caçar um jeito de nós entrá com reivindicação desse território, a revisão desse território né, fazê com que a FUNAI mande um grupo de estudo pra fazê um estudo da nossa terra né? Acabô aconteceno rapaiz, deu uma... Nós conseguimos, passaro necessidade, durmiro debaixo de ponte até chegá em Brasília, conseguimo fazê isso, sem dinheiro sem nada, conseguimo que o governo olhasse que tinha alguma coisa errada né. Nessa época... Aí conseguiu... Conseguiu dá entrada com processo né, de... Na FUNAI em Brasília e tudo, cum... Nós tinha alguns amigos que gostava de nós também né, apesar de tudo né...

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Aí conseguiu abri as portas pra gente, entrá com processo tudo de reivindicação do território de volta tal, aí o povo tava indignado o povo de Brasília num sabia, falou: "Uai, mas se essa terra é docêis, porque que os fazenderos tá lá dentro?", né, mais aí na realidade, o governo do estado fez com que o juiz né, da nossa região formalizasse título ilegal né, dos fazenderos, pra ele é legal né, porque é juiz ele pode fazê tudo né?

INTERLOCUTOR: É.

OREDES: Mais o juiz lá em cima no supremo tribunal... Aí conseguimos que montasse uma equipe né, o pessoal da FUNAI, antropólogo, geólogo e tudo, pra vim fazê levantamento...

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Aí vieram fazê levantamento, nós confinado cento e vinte e três hectare, aí conseguimos acompanhar eis, fazê tudo, história nossa, cemitério, o nosso povo ficô tudo dentro... Dentro das fazenda né?

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Conseguiu... O processo foi até o supremo tribunal né, pra ser julgado, aí foi rolano, inrolô muitos ano né, foi muitos ano inrolano, nós dependeno de mais terra, nós isprimido num pedacinho de terra né, pra plantar e... Nós passamo uma greve danada, e fazendero tava isprimido né, mais aí nós conseguimos que processo nosso fosse julgado né, aí foi julgado, e nós conseguimos que fosse favorável nós.

INTERLOCUTOR: Hum.

OREDES: E foi favorável né. Mais aí depois que foi favorável ainda, teve uma negociação da FUNAI, tentano dialogá com os fazendero por detrás sabe?

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: É, invés de quatro mil hectare, eis tava querendo dá só dois mil, deixa mais dois mil pros fazendero ainda, tentou negociar escondido, mais meu irmão, mais duas liderança, conseguiu invadir a reunião deles em Belo Horizonte e falou com o seu juiz: "Ó seu juiz, nós num aceita não, nós já somo dono da terra", "a terra é minha, eu num aceito negociação de FUNAI com fazendero não", aí aconteceu do juiz batê o martelo né, em Belo Horizonte falá que eles tinha que desocupá nossa terra imediatamente.

INTERLOCUTOR: Mas isso já aconteceu depois do retorno de vocês...

OREDES: Isso.

INTERLOCUTOR: (trecho incompreensível)

OREDES: Muito recente né

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Mas são histórias que é difícil né, você ficá lembrano, complicado.

INTERLOCUTOR: Com certeza senhor Oredes. Senhor Oredes, e o senhor tem notícia de... Do que os mais velhos falavam assim sobre... Sobre aqui essa época do presídio, da guarda real?

OREDES: Eu num tenho muita assim não, eu só lembro que eles prendeu minha tia, meu pai né, porque essas história são sofrida, deixô eis passá fome dois dia né, acho que por causa dum... Acho que... Acho que um golinho da cachaça que ele ingeriu, meu pai num era de bebê muito não sabe, mais de vez em quando ele tomava um golinho sim, ele e minha tia né, é por causa que atravessaro o Rio Doce na balsa né, aí os guardas já ia, na época do

presídio, já ia já... Eis tinha que... Eis tinha que soprá pra eis vê se tá... Se tinha ingerido bebida alcóolica, aí né, até as feira deis eis tomava né, e nós ficava com fome né, prendia eis lá mesmo, num chegava nem em casa não, na ilha, que nós morava na ilha né, uma das ilha nossa aqui, nós tem cinco ilha né, no Rio Doce, e uma dessas é nossa casa né, a ilha, aí tia Bastianinha já com o povo dela, já habitava ota ilha né, ota ilha, assim por diante, só sei que o presídio serviu pra alguma coisa né, pra confiná índios de fora, eu acho que nem cometia crime, mais era forçado a vim por causa de desrespeito, um desacato a um chefe da SPI, alguma autoridade era motivo pra cadeia, prendê né. Meu pai fazia muito artesanato né, pra vendê, minha tinha, e ele saia sempre pra vendê, porque tinha que trazê a cumida né, fubá, canjica né, nós cumê, mais aí de vez em quando era obrigado a passá por isso né, sê preso, sê humilhado, até chicotiado né, que eis batia mesmo, eis num tinha dó não, mas aí acabô aconteceno isso aí sabe? Forçado a saí daqui, fortaleceno o exílio. Tá enterrado lá naquela chacinha Fazenda Guarani, tenho dó dele, de vez em quando eu vou lá pra vê né, o local, hoje os índio lá tão sendo enterrado lá na cidade, em Carmésia né, mas aí meu pai foi enterrado dentro da aldeia memo, pertinho da sede do posto né, conseguiu voltá não, complicado né?

INTERLOCUTOR: Senhor Oredes, mas, tinham outras crianças lá com você né, no Guarani?

OREDES: Tinha, meus irmão ué...

INTERLOCUTOR: É.

OREDES: Meus irmão, filho da Laurita tamém.

INTERLOCUTOR: E como que era a vida de vocês crianças lá na fazenda?

OREDES: A criança cê sabe né, a criança brinca pra lá, brinca pra cá, mais lá era complicado né, brincadeira de bola, esses trem, flecha, nós tacava flecha, mais era flecha de brincadeira, só pra... Passa tempo nosso era isso, brincar na mata, tinha que brincar, porque né, às vezes chegava de noite num tinha nada que cumê, é complicado.

INTERLOCUTOR: Tinha escola lá no Guarani?

OREDES: Não, na época num tinha não, tinha escola não, tinha não

INTERLOCUTOR: Cês estudavam em Carmésia ou não estudava?

OREDES: Não, na verdade tinha um galpão lá né, tinha um professor lá funcionário do SPI, dava aula, escola num tinha não, tinha um galpão lá, um aberto né.

INTERLOCUTOR: Atendimento de saúde tinha ou também não?

OREDES: Tinha uma farmacinha lá sim, na época tinha, mais era remédio básico né, passava né, nosso povo num gostava muito de tomar aqueles remédio não né.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Esses remédio que tinha na época da FUNAI tamém né, que tinha equipe de saúde, num tinha nada, tinha uma pessoa só pra atendê, medicava de qualquer maneira, num tinha orientação médica né, era assim que funcionava, até na época da FUNAI, funcionava assim tamém, num tinha equipe de saúde né, uma enfermeira só que, cê tava com dor de cabeça, cê ia lá te dava um AS, te dava uma dipirona.

INTERLOCUTOR: sim.

OREDES: Mas aí sem equipe né, sem uma avaliação médica, sem nada.

INTERLOCUTOR: Sim. E polícia lá cuidava do quê Senhor Oredes?

OREDES: Oi?

INTERLOCUTOR: A polícia lá cuidava do quê, eles faziam o quê, assim?

OREDES: Ah a polícia fazia... Fazia tipo segurança, chefe do posto, tudo, chefe do SPI, tudo, se desacatá um chefe de posto, a polícia agia né.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Era punido na época né, aqui tamém né, aqui era do memo jeito.

INTERLOCUTOR: Hum, hum. E o senhor lembra de atividade da polícia lá, por exemplo, de treinamento, essas coisas?

OREDES: Não, não, no Guarani não.

INTERLOCUTOR: É.

OREDES: No Guarani num lembro não.

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Num tinha não, na época não, treinamento não tinha não.

INTERLOCUTOR: Aham.

INTERLOCUTOR: E além do Vicente, o senhor lembra de outro policiais?

OREDES: Não, lembro não rapaz, e muito... Muito... Muito antigo em sô.

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Lembro só do Vicente, que o Vicente consegui vê ele ainda ele, consegui lembrá dele ainda tranqüilo.

INTERLOCUTOR: E quando a família do senhor chegou lá, onde que o senhor... onde que o senhor durmia?

OREDES: Lá na fazen... Lá é fazenda Guarani né, e lá tinha várias casa velha sabe? Aí uma daquelas nós fumo obrigado a ocupá ela.

INTERLOCUTOR: Ali na sede então?

OREDES: É tudo ali na colônia memo, pertinho ali no terreno.

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Num sei se ocês conhece a Fazenda Guarani, ela é tipo uma vila né?

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Então um daqueles ali nós ocupemo.

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Casa velha né?

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Lá num tinha nem colchão pra dormi, deitava no chão memo né, as casa velha nós habitemo, não só nós como família nossa né, família da minha tia, Laurita tamém.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Negô tamém, cacique nosso.

INTERLOCUTOR: Aham. E sobre os Pataxó lá, o senhor tem alguma lembrança?

OREDES: Lembrança do Pataxó?

INTERLOCUTOR: É.

OREDES: Tenho. Os Pataxó conviveu com nos lá né...

INTERLOCUTOR: É.

OREDES: Bastante tempo né, os Guarani tamém né?

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Eu lembro, tenho lembrança sim deles sim. Eu lembro que eis... Família do Toninho Guarani né, família dele ela tava lá tamém na época, aí eles cortava banana e dava pra nós né.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Eles ajudava a matá nossa fome tamém, nós tinha...

INTERLOCUTOR: Sei.

OREDES: Só banana verde, aí todo mundo cozinhava, deitava no solzinho ali tal, cumia, matava uma caça, cumia, passava pra ele, a sorte nossa aí, a Fazenda Guarani ela já tinha essas plantaço, depois foi que o proprietário morreu né, num tinha herdero e ficou cum governo, já tinha muita plantaço de banana, inclusive até hoje tem né, aí nós usufruiu dessas plantaço lá, banana, esses trem.

INTERLOCUTOR: Ân.

OREDES: Os Guarani eis fazia esse trabalho, eis cortava banana pra nós, caçava uma caça e levava, nosso povo tamém, meu papai tamém ia caçava, ajudava tamém, e foi isso que fez nós sobrevivê tamém, porque se não, nós num ia tá chegando lá no rio não.

INTERLOCUTOR: E a vida lá no Vanuire?

OREDES: Ân?

INTERLOCUTOR: E a vida lá no Vanuire, como é que foi senhor Oredes?

OREDES: A vida lá uma né... Minha mãe trabalhava pro japonês né, e as plantaço de tomate né?

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Aí saí de manhã cedo, dexava nós em casa sozinho, e voltava a noite né, pra colher tumate, pra ganhá algum sustento pra comprá arroz pra nós, feijão né, pra nós cumê, mais ela conseguiu ainda trabalhá bastante né, até nós crescê um pouquinho tal, aí conseguiu matá nossa fome, algum ajudava tamém, já tinha parente, (trecho incompreensível) tava lá né, ajudava nós tamém, quando nós fiquemo mais de idade né, com 12 ano eu comecei...Com 11 ano eu comecei a trabalhar né, pra fazendero, nós começô a botá cumida em casa né, até nós voltá pra cá, conseguimos, apesar de tê as perca que eu falei lá né, meus irmão, nós conseguimos sobrevivê e conseguimos retorná pra nossa terra.

INTERLOCUTOR: Quando o senhor voltou pra cá, o senhor lembra quem eram os fazendeiros que ocupava essa terra?

OREDES: Aqui? Mais ou menos, eu tenho mais ou menos uma lembrança deis, era muito né?

INTERLOCUTOR: É muito?

INTERLOCUTOR: O senhor lembra de nomes?

OREDES: Lembro de nomes, ixi tem vários aí, lembro dos mais próximo de nós aqui era o Vaisman né, e provocava nós todo dia, porque sabia que a terra ia ser devolvida né...

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Vaisman, o Afrânio, Arlen Dornela tamém, Dimarinho, Nilso Viana, esses que fazia a barrera né...

INTERLOCUTOR: Sei.

OREDES: Os otros de trás era diferente né, Joaquim Pinto, esses nome, são os mais antigo né.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Esse aí, tem uns desses que já faleceu, né Afrânio memo faleceu, Vaisman ainda tá vivo ainda.

INTERLOCUTOR: Mais como que eles provocavam, como que era isso?

OREDES: Eles ameaçava a gente né, falava assim ó: "Se vocês... Se vocês consegu a terra, nós vamo matá vocês né."

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Nós ficava quetinho e nós num falava nada não...

INTERLOCUTOR: Sei.

OREDES: Porque o processo tava em tramitação né, na justiça e tal...

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Jamais ia provocá eis né?

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Mais esperava um resultado positivo do...

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Do supremo tribunal né, aí eis sempre provocava, mandava os capanga provocá a gente sabe?

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Mais a gente não entrava na deis não, porque eis andava bem armado, meu irmão falava: "Não entra em confusão não, conflito não, porque a terra vai ser favorável nossa.", ele tinha, nós tinha uma confiança tão grande que realmente não podia ser o contrário né, esse fazendeiro provocava nós sempre, inclusive pra ir pra Resplendor, eis tinha que passar dentro da... Dentro de nós pra pegá a lancha e atravessá. Mas deu tudo certo graças a Deus.

INTERLOCUTOR: E essas fazendas eram do quê Senhor Oredes? De Gado?

OREDES: Pastagem né?

INTERLOCUTOR: Pastagem?

OREDES: Desmataro tudo e fizeram pastagem né?

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: É gado né, mais é gado.

INTERLOCUTOR: Aham. E além dessas fazendas, do gado, teve algum outro tipo de projeto assim, do governo pra cá, por exemplo, mineração, algum outro tipo de atividade que o senhor tem notícia?

OREDES: Pra quem?

INTERLOCUTOR: Pra fazê nessa terra aqui.

OREDES: Pra comunidade indígena ou pros fazendero?

INTERLOCUTOR: Pros fazenderos?

OREDES: Pros fazendero?

INTERLOCUTOR: É.

OREDES: Teve não, era... Dismataro memo pra fazê pasto, porque já tinha gado aí.

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Quando eis viero pra cá já tinha... Eles compra gado.

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Num tinha nenhum tipo de projeto não.

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Nem da EMATER...

INTERLOCUTOR: Não tinha?

OREDES: A própria cooperativa que eles entregava leite num tinha projeto não.

INTERLOCUTOR: Cê já viu alguma coisa assim, num lembro agora exatamente, sobre uma mina de mica que teve aqui.

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Ah não, com certeza, eles explorava muito o subsolo também...

INTERLOCUTOR: É.

OREDES: É. A maioria deles aqui explorava o subsolo...

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Tanto é que nossas terra tá tudo perfurada de túnel né, aqui memo tem dois aqui ó, que vaza do o to lado lá.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: No o to morro lá do lado da minha prima lá. Eis explorava muita pedra preciosa, entendeu?

INTERLOCUTOR: Entendi.

OREDES: Isso que era o forte deis né, eu até esqueci de lembrá isso aí.

INTERLOCUTOR: Entendi.

OREDES: O forte deis era isso aí, era muita exploração do... Da terra pra encontrá diamante né, e encontrava, e por isso, o medo deis perdê a terra era por causa disso, porque teve muito... Sobrevivia disso né, além da pastagem leiteira, do leite né, eis explorava o subsolo.

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Nossas terra se for mapear os túnel que tem aqui é muito, bastante, e a gente num faz isso não, nós já encontramos a terra degradada né, explorar o subsolo ainda, complicado.

INTERLOCUTOR: Só mais uma coisa, você e seus irmãos, enfim, as crianças, cês... Onde ou como cês aprenderam português também?

OREDES: Nas escola né.

INTERLOCUTOR: Quais?

OREDES: No Guarani nós começô a aprendê tamém...

INTERLOCUTOR: No Guarani?

OREDES: Português, é. Na Vanuire já foi o forte, porque lá já tinha escola né...

INTERLOCUTOR: Hum, hum.

OREDES: Ensinava primera série, segunda série, aí nós lá, lá nós estudemo, estudei numa escola lá.

INTERLOCUTOR: Dento da fazenda?

OREDES: Não, dento da aldeia do Vanuire.

INTERLOCUTOR: Do Vanuire, depois, da fazenda Guarani.

OREDES: Sim. Lá nós sempre estudamo, primera série né.

INTERLOCUTOR: Mais numa escola que era... Não era indígena né?

OREDES: Não, não era indígena não.

INTERLOCUTOR: Aham.

OREDES: Era uma escola implantada pelo... Na época do SPI até a chegada da FUNAI. Tanto é que os professores contratados por eles né, não era índio né?

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Aí ensinava o português né, nessa época os índio já tava forçado a ensiná o português, inclusive os Caingain já estudava português já né, apesar deis tinha língua fluente deis tamém, aprendeu tamém.

INTERLOCUTOR: Seu Oredes, a gente ouviu né muito o senhor falar sobre esse sofrimento todo do povo Krenak, que é muito maior inclusive que a ditadura assim, se houvesse uma reparação possível, claro que a gente sabe que essas coisas não se reparam né, mas o quê que o senhor acharia possível, assim, o quê que poderia trazer algum benefício hoje pro povo Krenak, pra minimizar, pra diminuir né, os efeitos ruins, assim que essa história toda causou pra vocês?

OREDES: É complicado, porque a gente num sabe midi essas... Essas...

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Medicação né, que a gente fala, a gente num sabe estipular nada disso, porque o seguinte, não tem como você falá pra mim: "Oh Oredes, tem condições de fazê um projeto aqui, pra amenizar essa situação, sofrimento da morte do seu pai", não tem como...

INTERLOCUTOR: Sim, sim.

OREDES: Ninguém sabe medi isso.

INTERLOCUTOR: Com certeza.

OREDES: Isso aí num tem preço que paga, e vários otos né, que faleceu tamém nós viu, cumé que eu vou midi isso aí, não tem preço, num é qualqué projeto pra amenizar meu sofrimento, que vai fazê voltá meu povo que faleceu no exílio.

INTERLOCUTOR: Com certeza.

OREDES: Num tem troca né?

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Num tem troca né, num tem troca com isso, num tem troca não. Complicado. Num tem dinheiro que vai voltá a morte do meu pai e os otros, num tem projeto que vai fazê isso apagá da mente sabe?

INTERLOCUTOR: Sei.

OREDES: Complicado. O governo sei lá, num sei o quê que o governo pensa nisso, se tem algum projeto pra sê implantado dento da terra indígena, num sei, projetos é bem-vindo sabe? Mais se fala assim: "O quê que nós pode fazê pra amenizar o sofrimento."

INTERLOCUTOR: Sim.

OREDES: Num tem como midi preço, num tem não né, isso é impactos irreversíveis isso aí né, complicado.

INTERLOCUTOR: Seu Oredes, tem alguma coisa que a gente não conversou, que o senhor acha importante de dizer?

OREDES: Eu acho que falei, falei até muito né, é complicado, que a gente tamém né, acho que passa muita coisa em branco, a gente esquece um pouquinho né, mais aí ficava lembrando um pouquinho, alguma coisa né, já dá pra... Dá pra responder o que ocês queria né?

INTERLOCUTOR: Tem mais alguma coisa? Tem não?

INTERLOCUTOR: Só fala o nome completo do senhor, por favor?

OREDES: Oredes Adilson.

INTERLOCUTOR: Adilson?

INTERLOCUTOR: Hum, hum. Obrigado.

OREDES: Krenak.

INTERLOCUTOR: Tem nome indígena seu Oredes?

OREDES: Tepó meu nome.

INTERLOCUTOR: Tepó?

OREDES: Inclusive meu filho tamém chama Tepó né...

INTERLOCUTOR: É.

OREDES: Eu registrei mais eu... Meu nome primeiro é Tepó.

INTERLOCUTOR: Tepó?

OREDES: É.

INTERLOCUTOR: E o senhor sabe dizer a data de nascimento do senhor?

OREDES: Nasci em 70 né.

INTERLOCUTOR: 70?

OREDES: É.

INTERLOCUTOR: O quê que significa Tepó, na linguagem...

OREDES: É o que ta esquentando nossa cabeça aí né.

INTERLOCUTOR: Heim?

INTERLOCUTOR: É o sol?

INTERLOCUTOR: É o sol?

OREDES: É o sol.

INTERLOCUTOR: Oh Tepó, muito obrigado por nos receber, a gente sabe que...

OREDES: Não, gente que isso, desculpa a gente que tenta responder as coisa, mais (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: A gente sabe que esses assuntos....

OREDES: É, não...

INTERLOCUTOR: Muito difícil, muito doloroso.

OREDES: Ixi, inclusive tem uns velho aí, que se contá nossa já, num pode nem lembrá né?

INTERLOCUTOR: É.

INTERLOCUTOR: Estão fazendo foto?

OREDES: Tá.

INTERLOCUTOR: O senhor nos autoriza usar essa gravação, pra gente escrever o nosso relatório?

OREDES: Autorizo sim, tranquilo.

INTERLOCUTOR: Obrigado.

INTERLOCUTOR: E a gente pretende né, manter contato com o Douglas também da (trecho incompreensível)...

OREDES: Isso... Isso, já tem e-mail dele, tem tudo né? Certinho né?

INTERLOCUTOR: A gente agradece muito viu seu Tepó.

OREDES: Não, não que isso gente. Tem um cafezinho, cês aceita?

INTERLOCUTOR: Eu vou aceitar, vou aceitar uma água, agora eu gostaria de uma informação...

OREDES: Uma água, alguma coisa?



INTERLOCUTOR: Vamo desligar aí que...